



A partir de *Alice no País das Maravilhas*, de Lewis Carroll.

Doze anos depois, o **Teatro de Marionetas do Porto** volta a abordar o universo fantástico e povoado de nonsense do diácono anglicano, fotógrafo e celebrado professor de matemática de Oxford, Charles Dodgson, mais conhecido por Lewis Carroll. Desta vez o espectáculo destina-se a um público adulto e os personagens

das histórias de Alice libertam-se do jogo da linguagem e emergem na sua dimensão onírica. Personagens que são como cartas que Lewis Carroll joga, inconscientemente, no seu jogo de amor com Alice.

Wonderland é o sonho de Alice sonhado por nós. Vamos com ela, atravessamos a floresta luminosa cheia de medos e segredos, inventamos caminhos que antes lá não existiam e deixamos Alice perdida. Quando Alice pergunta ao Gato: “Como posso sair daqui?”, o Gato responde: “Isso depende muito do sítio para onde queres ir”. Aí sentimos que o sonho inventado por Carroll para a sua Alice amada toca ao de leve a nossa realidade. E quando Alice, no seu percurso iniciático, alcança o jardim maravilhoso de rosas brancas da rainha nós estalamos os dedos para que o seu sonho (e o nosso) acabe no momento certo. Final feliz?

Marco este dia com uma pedra branca (do diário de Lewis Carroll)

FICHA ARTÍSTICA

Encenação e cenografia	João Paulo Seara Cardoso
Interpretação	Edgard Fernandes Sara Henriques Sérgio Rolo Shirley Resende
Marionetas	Júlio Vanzeler
Música	Roberto Neulichedl
Letras de canções	Maria de Noronha
Tradução para inglês	John Havelde
Figurinos	Pedro Ribeiro
Coordenação de movimento	Isabel Barros
Desenho de luz	António Real e Margarida Alves
Produção	Sofia Carvalho
Assistente de produção	Pedro Miguel Castro
Assistente de encenação	Pedro Ribeiro
Operação de luz e som	Margarida Alves
Operação de legendagem	Pedro Castro
Oficina de construção	Rui Pedro Rodrigues (coordenação) Inês Coutinho (pintura) Nuno Valdemar Guedes
Confecção de figurinos	Cláudia Ribeiro (coordenação) Celeste Marinho (mestra-costureira) Esperança Sousa (costureira) Catarina Barros (coordenação de adereços) Patrícia Mota (assistente de adereços)
Construção cenográfica	Américo Castanheira/Tudo-Faço
Fotografia de cena	Susana Neves
Ilustração	Júlio Vanzeler
Imagens projectadas	Fotografias de Alice Liddell por Lewis Carroll
Estagiária	Pinturas de Claude Monet (alteradas) Ângela Ribeiro

RIDER TÉCNICO

Palco:

- Ideal: 12m – boca de cena / 10m - profundidade / 6m – altura min.
- Mín. 10m – boca de cena / 8m – profundidade.

Cena negra:

- Caixa de palco com panejamento total + duas pernas para contra regra,
(ver planta cenográfica)
- Chão negro (linóleo ou madeira)
- 1 meio fundo negro 2m x 2m (Mat. da companhia)

Luz:

- Dimmers digitais – 96 circuitos – Prot. Com. DMX512
- Mesa de luz ETC Express 24/48 (Mat. da companhia)
- Varas de luz (ver planta em anexo)
- Estruturas:
2 torres laterais com 2m de altura

1 base de chão

- Projectores :

(Ver planta de luz)

16 PC 1000W com palas

4 sourcefor PAR (2 NSP/2MFL)

Ou 4 PAR64 (CP60 e CP61)

6 recortes 1000W 12º/28º

25 recortes 1000W 25º/50º

2 Mini Par c/ palas e porta-filtros (Mat. da companhia)

1 Proj. recorte Selecon Pacific 90º (Mat. da companhia)

1 Quadrado Ledneon 5m x 5m + alimentação 24 V +
Microrack ADB (Mat. da companhia)

Necessário no palco – tomada 220V/

Tomada 16A trifásica + ligação DMX (ligação rack 2º univ)

- Filtros: (Mat. da companhia)

Som:

- Sistema de amplificação stereo com reforço central para voz
- 2 monitores colocados no palco
- 1 Mesa de mistura digital Yamaha 01V (Mat. da companhia)
- 5 Microfone emissores lapela
- 1 Workstation Roland Juno-G (Mat. da companhia)
- 2 DI

Vídeo:

- Ecran plasma Phillips 42” (Mat. da companhia)
- Computador portátil LG (Mat. da companhia)
Ligação palco/régie por cabo S-vídeo (Mat. da companhia) ou usando cablagem interna da sala, se compatível.

Bastidores:

- 4 Camarins individuais ou 1 colectivo

Montagem:

- 12 horas (3 turnos de 4H00)

Desmontagem e carga:

- 2h00

Staff necessário:

- 2 carregadores para descarga e carga
- 2 Técnicos de luz
- Técnico de som
- Técnico de vídeo
- Técnico de palco

Plano de Trabalho:

	Cenografia	Cena negra	Luz	Som
1º Turno - 4h	Montagem	Montagem	Montagem	Montagem
2º Turno – 4h		Afinação	Afinação	Afinação e Testes
3º Turno – 4h			Programação e Ensaio Geral	Ensaio Geral

Notas:

- Para iniciar a montagem o palco e a teia devem estar limpos e sem quaisquer equipamentos.
- É utilizado fumo branco.
- Existe um tanque com 80 l de água na frente da cena

Duração do espectáculo: 60 minutos

Classificação etária: maiores de 12 anos

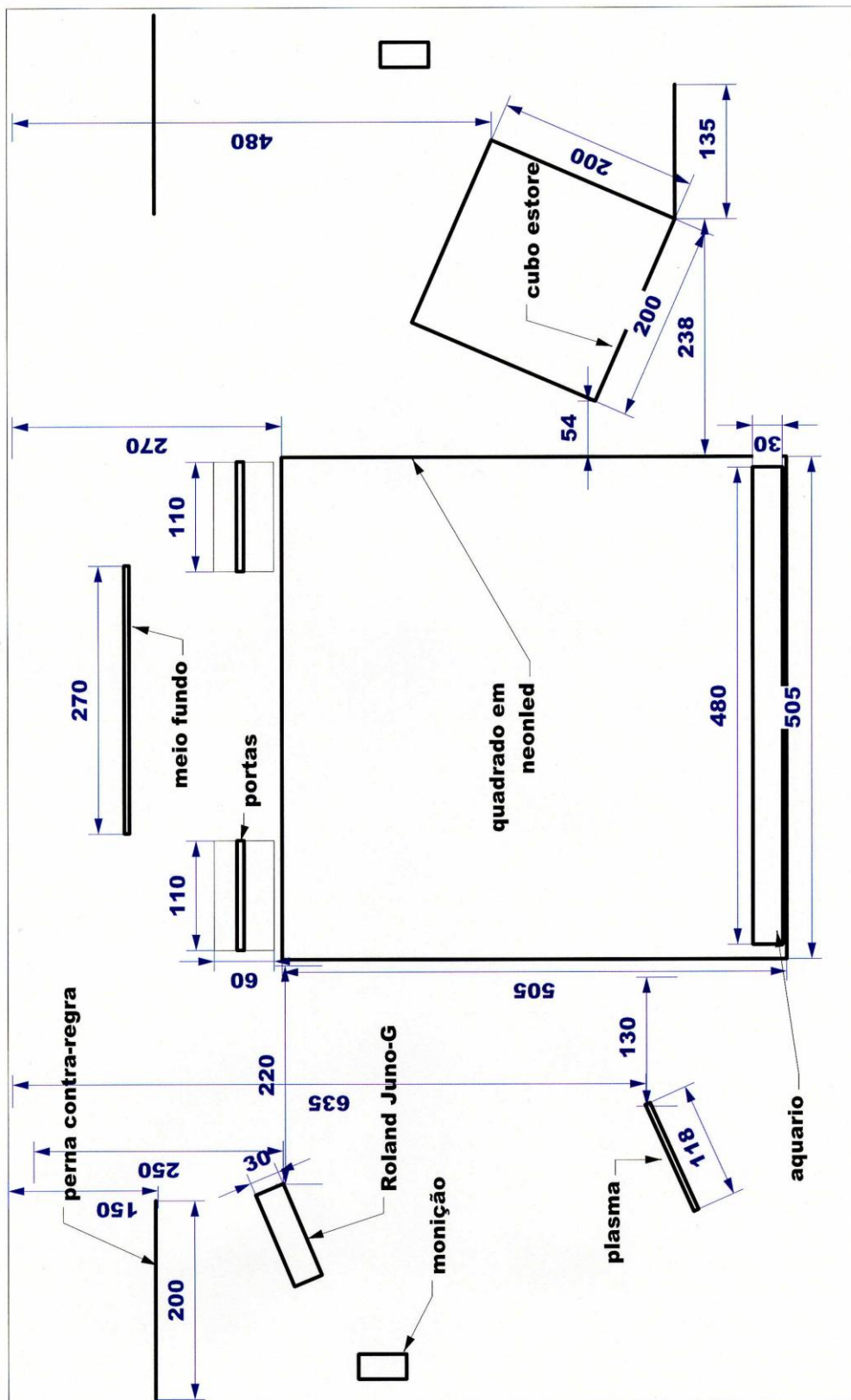
Menções obrigatórias em todo o material promocional do espectáculo:

Companhia subsidiada por MC / DGA (com inserção de logotipos).

Co-produção Teatro de Marionetas do Porto e Cine-Teatro Constantino Nery

1 Wonderland implanta Á,,o cen-rio.mcd

Scale: 1:50



Instrument Count

Venue: António Real e Margarida
 Designer: António Real e Margarida

Type	Count
ADB Europe C101	16
CE Source 4 Par	4
Pacific 12<->28° Zoom	6
Pacific 23<->50° Zoom	9
Pacific 45<->75° Zoom	1
PAR 16	2
Source 4 - 25/50 Zoom	16
	54

Accessory Count

Venue: António Real e Margarida
 Designer: António Real e Margarida

Type	Count
160mm Colour Frame	13
185mm Barndoor	16
185mm Colour Frame	16
3 Inch Barndoor	1
3" Colour Frame	2
7.5 Inch Barndoor	2
7.5" Colour Frame	16

Wonderland

Lighting Design: António Real e Margarida Alves

Assistant:

Director:

Scenic Design:

Venue:

Zero Date: 14-5-2009 17:53

Printed By: New Way

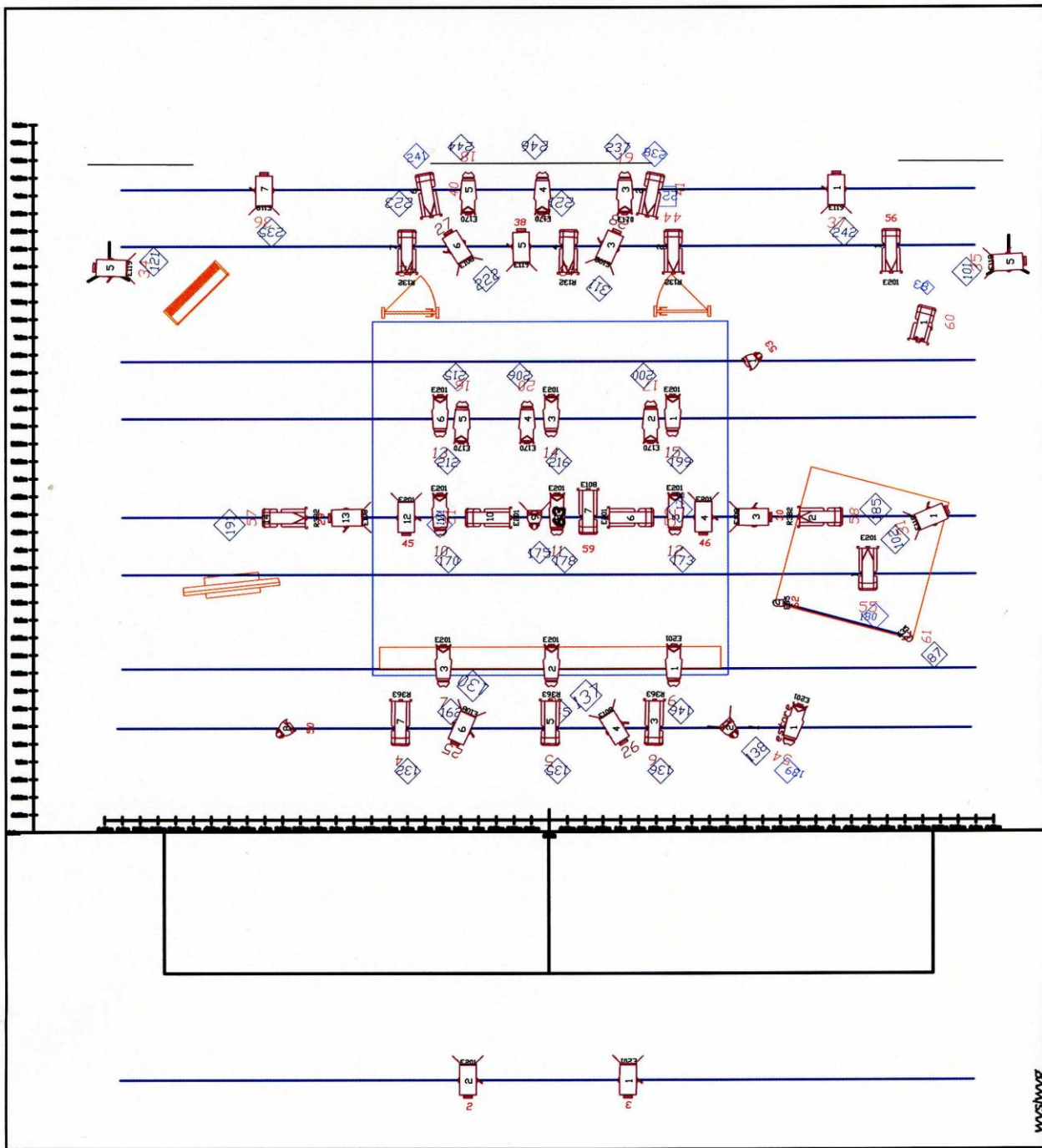


Foto Cenário



IMPrensa

Esta Alice só se vê com os olhos fechados

Wonderland, a nova criação do Teatro de Marionetas do Porto, é mais uma descida aos infernos da Alice no País das Maravilhas, mas agora para adultos. Continuamos a ter alucinações, com este texto de Lewis Carroll

Lewis Carroll foi com Alice ao país das maravilhas e ao outro lado do espelho e viu centenas de coisas, nesses sítios onde para ver coisas é preciso ter os olhos fechados - mas não viu nada (nenhuma Rainha de Copas, nenhum coelho com pressa, nenhum chapeleiro louco) que chegasse aos pés dessa miúda "moving under skies never seen by waking eyes" que continuava a assombrá-lo meses depois dessa viagem fundadora para o inconsciente colectivo ocidental. Em 1997, o Teatro de Marionetas do Porto (TMP) também foi com ela por aí fora, de olhos fechados. Passaram-se 12 anos e João Paulo Seara Cardoso, o director da companhia, também continua assombrado por essa presença: Wonderland é o TMP a ir ter com ela outra vez, nos subterrâneos que tinham ficado por escavar.

Ao contrário de Alice no País das Maravilhas (a peça de 1997), Wonderland, que o TMP estreia esta noite em Matosinhos, no Cine-Teatro Constantino Nery, é um espectáculo para adultos. "Quando fizemos a Alice para crianças, há 12 anos, percebi que essa era uma leitura muito superficial e que a Alice tem muitos subterrâneos para escavar, muitos labirintos onde nos podíamos voltar a perder. Também comecei a ler as interpretações que os psicanalistas fizeram do texto, as teses do Artaud, e achei, como diz a Virgínia Woolf, que a Alice mais interessante é a que transforma adultos em crianças", explica Seara Cardoso.

Vamos lá, então, descer aos infernos deste texto e lê-lo com olhos de adulto que ainda tem medo do escuro. Wonderland não é exactamente um espectáculo: é uma alucinação, um estado estranho, alterado, em que nos cruzamos com seres "never seen by waking eyes" que, mesmo quando nos parecem familiares, não são exactamente aquilo que nos lembrávamos de ter visto há muitos anos, num filme da Disney. "Resolvi usar a nossa memória iconográfica da Alice para começar e acabar de contar a história, mas a partir do momento em que mergulhamos nas profundezas a Alice passa a ser nossa e a ir pelos caminhos que nós queremos que ela siga", continua o encenador.

A Alice deles é isto: uma miúda morena, de cabelos pretos a dar pelo queixo e uns olhos gigantes, abertos mas para dentro, a engolir um sítio que ela não sabe onde fica e onde há flamingos, serviços de chá, cartas acabadas de chegar à caixa do correio, partidas de croquete e relógios parados no recreio da escola. Parece uma coisa de crianças, mas às tantas estamos no Inferno (há uma serpente, uma garrafa que diz "bebe-me" e uma Rainha de Copas especialmente carnívora), e este Inferno é um ambiente um bocado lynchiano. "Pensei muito na leitura sexual que a psicanálise faz disto e não me interessou muito ir por aí - mas interessou-me usar a Rainha de Copas

como encarnação do próprio Lewis Carroll. É um homem particular - um professor de Matemática respeitado em Oxford, que vai ser padre, mas que depois faz declarações estranhas e diz que as raparigas a partir dos 12 anos já não lhe interessam. Há ali um sentimento de culpa, de pecado, e isso está no espectáculo", sublinha Seara Cardoso. Precisamos é de ter os olhos fechados para o ver melhor: Wonderland é um país profundamente visual mas também profundamente sonoro em que nunca ninguém parece falar a nossa língua - e onde, no entanto, nunca chegamos realmente a sair de casa.

Inês Nadais
in Público, 8 de Maio de 2009

CAIR NAS PROFUNDEZAS

Acordar num mundo de pernas para o ar

O universo fantástico de Lewis Carroll é novamente abordado pelo Teatro de Marionetas do Porto nesta produção, mas desta vez com um espectáculo para adultos. «Na produção para crianças havia uma leitura superficial do livro, Alice tem muitas camadas para escavar», diz o encenador João Paulo Seara Cardoso. Nomeadamente, a questão do pecado e dos sentimentos de culpa que assaltam o diácono anglicano Charles Dogson, conhecido como Lewis Carroll. As personagens de Alice no País das Maravilhas remetem o jogo da linguagem para segundo plano e mergulham numa dimensão onírica. Apenas Alice fala em português, reforçando a sua estranheza perante a Rainha de Copas, o Coelho Branco, o Gato Risonho e outras figuras bizarras, que mantêm o inglês original. «Por uma questão de musicalidade e também para despertar o retrocesso no tempo e remeter o público para um ambiente de sonho.» O lado profundo e absurdo da obra é explorado de forma mais visual, à maneira da companhia.

Joana Loureiro
in Sete, 14 de Maio de 2009

Marionetas sem fios e com esqueleto à vista

Nova produção do Teatro de Marionetas do Porto já mexe. Na oficina da Rua de Belmonte, artistas partilham trabalho que começa quatro meses antes da estreia, marcada para Maio. "Wonderland" é peça para adultos

A nova produção do Teatro de Marionetas do Porto já mexe. Com estreia marcada para 8 de Maio, em Matosinhos, "Wonderland" vai ganhando forma em dois sentidos: a par do trabalho que envolve os actores, há uma série de seres em construção na oficina da Rua de Belmonte. Ali nascem as personagens de mais um espectáculo baseado na obra de Lewis Carroll, desta vez dirigido ao público adulto. O JN deu uma espreitadela.

É a partir do barro que Júlio Vanzeler modela as cabeças. A da Alice está mais adiantada, já passou à fase da fibra de vidro, mas a da lagarta ainda nem chegou ao molde. Das mãos do ilustrador, que há mais de dez anos colabora com a companhia (começou, precisamente, com a peça "Alice no país das maravilhas", então em formato de teatro de sombras), saem os desenhos prévios e os modelos das caras das personagens. Geralmente, também desenha os figurinos, mas não neste caso. Os trabalhos começam sensivelmente quatro meses antes da estreia. Depois da modelação fazem-se os moldes de que hão-de sair as caras definitivas e, a seguir, constroem-se as marionetas, que, por fim, são pintadas. É nestas três fases que entram Rui Rodrigues e Inês Coutinho, também colaboradores habituais do Teatro de Marionetas do Porto.

Rui é o técnico de realização plástica a quem cabe construir os esqueletos que vão completar as personagens. "Não há uma única marioneta de fios neste teatro", refere o artista, que desta vez optou pelo PVC (ver caixa) em detrimento da madeira. Ao lado, Júlio explica que "a construção das marionetas depende sempre das necessidades do encenador e dos actores", pois são eles que vão fazer os bonecos mexer em palco. No caso da lagarta nem haverá esqueleto - os braços do intérprete farão as vezes do corpo anelado da personagem.

Júlio Vanzeler destaca ainda o facto de este ser "um trabalho em que todas as áreas estão muito próximas", incluindo a da costura, no fim da linha de produção. O ilustrador dá um exemplo dessa cumplicidade: "Quando estou a moldar uma cabeça, vou ao ensaio ver como o papel está a ser interpretado, para que haja coerência entre a personagem que o actor está a representar e a que estou a desenvolver".

Feições humanas

"Wonderland" terá um total de "20 coisas manipuláveis", segundo o encenador, João Paulo Seara Cardoso. Entre esses objectos cénicos, destacam-se o chapeleiro, cujo rosto será o do actor que manipula a marioneta, e, ainda, os animais com feições humanas. O também director da companhia explica que isso se deve ao facto de a história de "Alice no país das maravilhas" ser "um monumento ao nonsense, havendo que encontrar um equivalente a esse lado surreal e absurdo".

Depois da primeira versão baseada nos livros de Carroll, agora surge uma peça para gente grande, que estará em cena no Teatro Constantino Nery. "Aqui, há uma visão muito onírica da Alice, em que o texto é um pretexto para a criação de imagens", acrescenta Seara Cardoso, que prefere sempre "marionetas assumidamente artificiais, no sentido de se sentir o artifício técnico do objecto".

Exemplo disso é a intenção de deixar visíveis partes dos esqueletos feitos por Rui Rodrigues, cujo trabalho é tão pormenorizado que chega a contemplar "travões" nas articulações, para que braços e pernas de PVC se mexam como braços e pernas de carne e osso. •

Esculturas de Theo Jansen inspiram recurso ao PVC

As gigantescas "criaturas" concebidas pelo escultor cinético holandês Theo Jansen foram a fonte de inspiração de Rui Rodrigues para esta nova produção. Pela primeira vez, o Teatro de Marionetas do Porto recorre ao PVC dos tubos das instalações eléctricas para construir os esqueletos, que assim se tornam mais ligeiros e fáceis de manipular. "Tipicamente, fazemos tudo com madeira", refere o artista, que explica a mudança de material com o facto de haver personagens que são quase do tamanho das pessoas. Por isso, era necessário que fossem mais leves.

Isabel Peixoto

in JN, 9 de Março de 2009

FOTOS

